

Joaquim de Vasconcelos e o estudo das Artes Decorativas em Portugal: a cerâmica e o azulejo (1849-1936)

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara*

“Estudando o azulejo e a sua aplicação na decoração exterior e interior, entramos num capítulo da cerâmica nacional que encerra tradições gloriosas [...]”

in *Industria Cerâmica*. Biblioteca de Instrução Profissional, Lisboa, 1907, pág. XV.

1. Percurso biográfico

Joaquim António da Fonseca de Vasconcelos¹, homem de personalidade aguerrida e polémica, nasceu na cidade do Porto – no seio de uma família burguesa – mais especificamente na freguesia de Cedofeita a 10 de Fevereiro de 1849 e aí faleceu com 87 anos, no dia 2 de Março de 1936.

Tendo ficado órfão muito cedo, foi enviado para a Alemanha onde estudou Arte, Arqueologia, História da Literatura e Música. Esta sua passagem pela Alemanha iria marcá-lo estruturalmente pela educação que virá a receber a nível humanístico, científico e artístico, possibilitando-lhe a abertura a novas áreas do conhecimento como as artes plásticas e a música.

Regressa a Portugal ainda adolescente e fixa-se em Coimbra, preparando-se para prosseguir os estudos e ingressar na Universidade. No entanto, o meio universitário não o satisfaz.

Em 1876 casou em Berlim com Carolina Wilhelme Michaelis (1851-1925), também natural da cidade tendo ambos fixado posteriormente a sua residência no Porto².

* Professora Auxiliar de História de Arte Universidade Aberta.

¹ PASSOS, Carlos de – *Joaquim de Vasconcelos*. Porto, 1950 e CRUZ, António Ferreira T. da – *Joaquim de Vasconcelos: o homem e a obra com algumas cartas inéditas*. Porto: Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 1950.

² Este conhecimento e relacionamento com Carolina Michaelis terá surgido a propósito da conhecida polémica gerada em torno de uma tradução do *Fausto* de Goethe elaborada por António Feliciano de Castilho ao qual o jovem Joaquim de Vasconcelos se insurgiu contra os

Apesar da sua formação e talento e de uma inesgotável capacidade de trabalho, Joaquim de Vasconcelos teve uma carreira perturbada e prejudicada pelo “ciúme” dos seus contemporâneos que o relegaram para o ensino liceal, fechando-lhe cátedras universitárias. Deste modo, este historiador portuense permaneceria como professor do Liceu do Porto desde 1882 até 1924, aposentando-se cinco anos depois.

O seu percurso como professor do ensino complementar dos liceus, seria apenas interrompido por uma breve passagem pela Escola de Belas Artes entre 1913 e 1917 e pela Faculdade de Letras de Coimbra, para o qual Joaquim de Vasconcelos foi convidado a colaborar com algumas lições, quando contava já com mais de 60 anos.

Consciente do seu isolamento e amargurado entregou-se no final da sua vida ao seu refúgio na sua Casa da Veia em Águas Santas.

2. Prática historiográfica, inventário e projecto pedagógico

O historiador de arte José Augusto França³ refere-se a Joaquim de Vasconcelos como o verdadeiro fundador da História da Arte em Portugal, preconizando a sua atitude moderna de historiador, dando-lhe um acentuado rumo sociológico ao sublinhar o papel da encomenda, assim como a valorização de uma consciência cultural, erudita e humanista. Joaquim de Vasconcelos é assim reconhecido como uma figura central na historiografia artística portuguesa das últimas décadas do século XIX e inícios do século do século XX, questionando e abordando várias e distintas frentes de trabalho no campo da História da Arte Portuguesa, que abrangem áreas deste a arquitectura, pintura, ourivesaria, arte dos metais, tecidos, arqueologia, cerâmica, azulejo, passando pela etnografia, e pela importante defesa e divulgação sobre aquilo que ele designou como “indústrias artísticas”⁴ e onde a arte popular se afirmou como um

erros e a forma menos cuidada de tratar esta obra clássica. Este assunto ficaria conhecido como a “questão do Fausto”, acontecimento que marcaria o início de uma partilha e comunhão intelectual entre ambos.

³ FRANÇA, José Augusto – *A Arte em Portugal no século XX*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1966, Volume II, pp. 118-119.

⁴ Vejam-se as leituras mais recentes sobre o pioneirismo do seu pensamento artístico: LEANDRO, Sandra – “Memória de um desencontro: os Teoremas para o estudo da história da arte na Península Ibérica e especialmente em Portugal de Joaquim de Vasconcelos”: *III Congresso Internacional da APHA*. In http://www.apha/boletim_4artigos/SL Leandro_JVasconcelos.pdf (acedido em 2/9/2008, 10h) e RODRIGUES, Sofia Leal – “O pensamento artístico de Joaquim de Vasconcelos”. In *Arte Teoria*, Lisboa n.º 4: (2003), pp. 44-58.

domínio autónomo dentro do universo mais abrangente e englobante da cultura popular portuguesa⁵ de matriz rural.

Foi assim um homem de múltiplos interesses e de múltiplas facetas, nem sempre bem compreendido no panorama intelectual de Oitocentos em Portugal.

O lugar que ocupou foi excepcional praticando uma grande multiplicidade de estratégias. As suas preocupações foram marcantes no decurso de uma historiografia artística deste período. Joaquim de Vasconcelos atribuiu uma importância decisiva ao estudo directo das obras de arte, demonstrou um grande interesse por desenhos, gravuras e fotografias tanto de objectos artísticos como de monumentos, e, considerou que a elevação do nível de história da arte em Portugal passava por uma prática de ensinamento ao nível universitário, assente numa boa colecção de modelos de ilustrações, de gesso etc.,... o que constituiu um diagnóstico de fundo da historiografia artística portuguesa⁶.

Embora a sua obra demonstre uma aparente dispersão de interesses⁷, assuntos e de esforços, a sua imensa vontade de saber e aprender direccionaram-no em inúmeros caminhos, permitindo-lhe também desenvolver outros domínios como musicólogo⁸, arqueólogo, professor e historiador de arte⁹. Mas, será especificamente na materialização de

⁵ Sobre a definição de arte popular e o programa de defesa das “indústrias caseiras” no contexto da historiografia do final do século XIX e inícios do século XX, vejam-se: VASCONCELOS, Joaquim de – *Indústrias portuguesas*, org. e pref. de Maria Teresa Pereira Viana. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, (1983); LEAL, João – “Metamorfoses da Arte Popular: Joaquim de Vasconcelos, Vergílio Correia e Ernesto de Sousa”. *Etnográfica*, vol. VI (2), (2002), pp. 251-280 e RODRIGUES, Sofia Leal (2001) – *Joaquim de Vasconcelos. O desenho e as indústrias caseiras*. Lisboa: [s.n]. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas Artes de Lisboa, 2. vols.

⁶ ROSMANINHO, Nuno – “Estratégia e metodologia na historiografia artística portuguesa (1846-1935)”. Separata da *Revista da Universidade de Aveiro*. Aveiro, n.º 14 (1997).

⁷ Veja-se a sua vasta bibliografia publicada: VASCONCELOS, Joaquim de – *Principaes obras. Estudos, dissertações etc.* Porto [s.n] 1900.

⁸ VASCONCELOS, Joaquim de – *Os músicos portugueses: biographia-bibliographia*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1870 e IDEM – *Lúisa Todi: estudo crítico*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929.

⁹ Vejam-se apenas algumas referências: VASCONCELOS, Joaquim – *Archeologia artística: prologo – prospecto*, Citania por Emilio Hubner; tradução de J. Vasconcelos; [S.l.:s.n] 1873; – IDEM – *O retrato de Damião de Góis por Alberto Durer*. [s.n e s.d]; IDEM – *Taboas da pintura portuguesa no século XV retrato inédito do infante D. Henrique*. Lisboa, 1960, IDEM – *História da Arte em Portugal*. Porto, 1883; IDEM – *Elementos para a História da Ourivesaria portuguesa e artes dos metaes em geral*, Porto, 1904; IDEM – *Elencho de quatro conferências conferências sobre História da Arte Nacional: estilo românico archaico: o românico dos séculos XI e XII*, Porto 1908, IDEM – *A pintura portuguesa séculos XV e XVI*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929.

ensaios vocacionados para as então designadas “artes menores” e, mais especificamente na abordagem de assuntos relacionados com a cerâmica e o azulejo – revelando a sua especificidade, originalidade e até legitimidade e actuando como um defensor acérrimo deste património artístico – a vertente que mais nos interessa realçar nestas breves linhas.

Joaquim de Vasconcelos moveu-se num período marcado pela forte procura e afirmação de uma especificidade dos estudos artísticos e simultaneamente, pela busca da sua legitimidade científica. No âmbito muitíssimo abrangente das artes decorativas, e ornamentais, este autor dedicou uma atenção particular ao azulejo e à cerâmica que lhe permitiu realizar uma reflexão decisiva, presente fundamentalmente nos textos de crítica, onde ressaltam objectivos pedagógicos e de intervenção.

É justo afirmar que Joaquim de Vasconcelos atribuiu um peso importante no contexto da História da Arte Portuguesa aos capítulos específicos sobre cerâmica e azulejo, assumindo uma consciência cultural destas artes. A produção azulejar é então uma das formas de arte que mais fascinou o autor. O seu espírito sistemático obriga-o a tratar o azulejo segundo várias perspectivas que se entrecruzam: a periodização, a inventariação, a sua musealização, e a aplicação e desenvolvimento na sua contemporaneidade .

Sigam-se as suas palavras cheias de entusiasmo, vitalidade e dedicação num texto que completa este ano 100 anos¹⁰:

“...O azulejo foi a imitação de um quadro, ou a copia de um tecido, substituiu um ao outro, ou ambos ao mesmo tempo, quando se apresentou como o mais bello pano de raz, com todos os caracteres da grande mural. Conservou-nos a imagem da vida portuguesa, fielmente, todo o encanto do lar; do nosso interior, a poesia da nossa vida marítima, as aventuras da guerra, as tragédias do mar, os jogos da infância, os cuidados e as alegrias do campo, os primores da corte, o idílio amoroso, a lenda dos santos, o milagre das romarias, as sortes das touradas, o sabor do conto popular. Se quereis estudar as artes decorativas – ahi o tendes no mais sólido e seguro documento, na linguagm cerâmica, como se fosse pouco, o que o próprio livro, impresso produziu, o que elle soube inspirar.”

Entendia deste modo que o azulejo possuía a sua validação quando integrado nas arquitecturas. Os seus destaques sobre o azulejo e a cerâmica caracterizaram-se desde início por esta tentativa de compreender o objecto artístico no seu contexto e particularmente perceber o seu devir histórico, a sua evolução artística, não deixando de emitir juízos de valor.

¹⁰ VASCONCELOS, Joaquim de – “A Arte Decorativa Portuguesa” in *Notas sobre Portugal*, vol. II, Lisboa Imprensa Nacional, (1909), pp. 200-201.

“...Lembraremos, comtudo, que os azulejos das epochas anteriores a 1600 são precisamente os mais raros, os mais perfeitos sob o ponto de vista da factura e do effeito esthetico, da applicação decorativa ...No fim do século XVII e principios do século XVIII o azulejo perde o carácter decorativo; affasta-se do seu destino natura; em lugar de tapete temos quadros pretenciosos, de grandes dimensões, e nem por isso augmentam os recursos artisticos. O desenho piora; a invenção é fraca; as scenas repetem-se; os typos, a physionomia perde o carácter individual, immobilisa-se, torna-se stereotypica. Em lugar da esplêndida polychomia do século XV e XVI temos a monochromia; em lugar da variedade de cores, a monotonia do eterno azul, de um azul opaco, sem transparência e sem graduação, a maior parte das vezes; em lugar da pressão em relevo e dos bellos reflexos metallicos que se formam dentro das cavidades das laçarias alicatadas, temos superficies lisas, onde a luz se quebra igualmente sem effeitos iriados. Só nos últimos annos do século XVIII é a fabrica do Rato volta à polychromia, no azulejo, mas os seus azulejos de figura são raros, mais raros do que as suas louças...”¹¹

Os trabalhos de Joaquim de Vasconcelos neste campo, contribuíram para a compreensão das dinâmicas artísticas através de um trabalho de relacionamento de fontes, de conjunturas e de ideias, revelador e sintomático de grande conhecimento e de uma grande sensibilidade.

Interessou-o profundamente procurar a origem da arte de cerâmica e do azulejo, conhecendo e interligando os seus motivos ornamentais e decorativos, especificamente no que diz respeito aos azulejos hispano-portugueses que considerava “*um capítulo quasi em branco*”¹².

A historiografia do azulejo era até aqui praticamente inexistente, conquistando uma base científica com este autor. Os estudos sobre cerâmica e azulejo assumiram e caracterizaram-se com a sua ajuda pelo aparecimento da preocupação inventariante, tornando-se paulatinamente predominante a descoberta de obras e a identificação de autorias:

“...a urgência que há em organizar commissões provinciaes para a investigação in loco. Nós mesmo percorrendo o Alemtejo e o Algarve, conseguimos fazer uma série de descobertas de azulejos datados, que escaparam ao exame de pessoas das localidades, aliás curiosas, e não indifferentes a estas anti-guidades. Ora o azulejo datado é precisamente um preciosidade mormente quando os assumptos que elle representa se relacionam com a vida nacional, com os factos da história, com as tradições e lendas religiosas, com os usos e costumes do nosso povo, porque há de tudo.”¹³

¹¹ VASCONCELOS, Joaquim de – *Cerâmica Portuguesa. Série II. Estudos e documentos inéditos*, Porto, 1884, pp. 20-21.

¹² IDEM, *ibidem*, pág. 17.

¹³ IDEM, *Ibidem* pág. 17.

Concomitantemente à produção escrita, a vertente museológica não foi esquecida em Joaquim de Vasconcelos. Participou na organização e dirigiu várias exposições¹⁴ na sua maioria promovidas pela Sociedade de Instrução do Porto, da qual era membro fundador. Organizou em 1882 a *Exposição Distrital de Aveiro*, com uma secção onde junta a cerâmica como os vidros e redige em 1909 o texto *Cerâmica Portuguesa*, destacando um relatório desenvolvido sobre a *Exposição de Cerâmica Nacional* realizada no Museu Municipal do Porto em 1882; um olhar crítico fundamentado também no texto editado na *Ilustração Portuguesa* a 13 de Maio de 1907 com o mesmo título.

Joaquim de Vasconcelos acusou nestes textos uma crítica à *Exposição de Arte Ornamental de Lisboa* inaugurada nos salões do Palácio Alvor

“...aonde se poderia e deveria ter reunido abundante material para o estudo dos azulejos peninsulares ...existiam então em Lisboa não só os noventa e dois quadros grandes com perto de 2000 azulejos antigos do snr. J.M Nepomuceno, que deslumbra a nossa exposição, mas também os dez quadros do muzeu da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes; comtudo nem uns nem outros foram expostos...”¹⁵

e promovendo a Exposição no Porto da sua incumbência:

“...estando na mesma exposição de 1882 documentada toda a história do azulejo nacional, desde os fins do século XV até ao termo do século XVIII (grande collecção Nepomuceno¹⁶, exposta pela primeira vez...)”¹⁷

¹⁴ Esteve ligado às exposições industriais do Porto (1882 – Cerâmica; 1883 – Ourivesaria e 1884 – Tecidos) e, na sua sequência, às exposições de Aveiro (1882), Coimbra, Guimarães e Viana do Castelo (1896), tendo assumido a direcção do Museu Industrial do Porto (1889) e a inspecção do ensino industrial no Norte. Cf. FRANÇA, José Augusto. *Op. Cit.*, pág. 117.

¹⁵ VASCONCELOS, Joaquim de – *Cerâmica Portuguesa. Estudos e documentos inéditos*. Porto: Typographia Elzeviriana, 1884, pp. 19. Veja-se nestes escritos do autor uma certa rivalidade entre as duas cidades Lisboa e Porto, que “disputavam” entre si duas Exposições: *A Exposição Retrospectiva da Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola*, 1882 em Lisboa e a *Primeira Exposição de Cerâmica Nacional* no Porto no mesmo ano.

¹⁶ Esta referência à colecção do José Nepomuceno e ao azulejo antigo fora já prenunciada e tratada por Joaquim de Vasconcelos nas Conferências sobre a “Exposição de Arte Ornamental” proferidas por ele em 1882: “...São frequentes em toda a parte os azulejos dos séculos XVII e XVIII. Só os não há na Exposição, onde apenas souberam reunir umas mesquinhas amostras dos typos do século XVI, quando se podia ter reunido uma collecção magnífica n’esta especialidade que serviria, mais que nenhuma outra da Exposição para demonstrar, em pequeno espaço todos os typos ornamentaes desde o século XIII até ao século XVIII. Bastava que a comissão tivesse reunido só a collecção do snr. Nepomuceno, sem dúvida a primeira do paiz, e talvez península no género azulejo.” Cf. VASCONCELOS Joaquim de – “Conferências sobre a Exposição de Arte Ornamental”. *A Arte Portuguesa*, Porto, ano I, n.º 8 e 9, Agosto e Setembro de 1882, pág. 71.

¹⁷ Cf. VASCONCELOS, Joaquim de – “Cerâmica Portuguesa”. *Ilustração Portuguesa*, III vol. 13 de Maio (1907), pág. 590.

O seu papel destacou-se igualmente na remodelação dos Museus Públicos de Arte¹⁸ (sobretudo no Porto), então designados por *Bellas Artes*, prenunciando-se sobre a importância fundamental das colecções em geral:

“Em nosso parecer entendemos que as collecções não devem ser desmembradas, mas sim ampliadas sucessivamente, até que um dia possam desdobrar-se em outros tantos museus. A curiosidade do visitante não está ainda educada por forma, que possa satisfazer-se somente com um determinado ramo das bella-artes, das artes industriais, ou das sciencias...”¹⁹

e, muito particularmente sobre as secções de Artes Decorativas e Industriais:

“...É precisamente n’um museu de arte decorativa que merecem ter logar de preferência muitissimos objectos, enraizados nas localidades das províncias, e que, transportados para Lisboa (onde não estão mais seguros, como se tem provado), perdem toda ou grande parte da sua significação histórica e artistica...”²⁰

Justifica e ostenta opiniões muito próprias sobre a escolha e inventariação de peças:

“...Limitei-me, na parte crítica, a descrever com clareza e rigor; a comparar todas as peças com o maior cuidado, approximando sempre os typos que offerciam parentesco. Deixo ahi elementos importantes para o estudioso, que poderiam dar ensejo a uma dissertação, se o meu intuito não se limitasse a offercer um guia fiel e esculpido, para o publico, e não uma dissertação erudita para poucos amadores....Possas este inventário servir também de ponto de partida para novos estudos...”²¹

O vasto repertório de peças de cerâmica e azulejo que teve oportunidade de estudar, reunir, escolher e avaliar levaram-no à necessidade de desenvolver um projecto pedagógico, quer no campo do ensino artístico e da reforma dos estudos das Belas Artes, quer na área da divulgação, sendo este aspecto aquele que nos interessou no contexto deste texto.

¹⁸ Veja-se sobre este tema o trabalho: FERREIRA, Maria Emilia de Oliveira – *História dos Museus Públicos de Arte no Portugal de Oitocentos. 1833-1884*, [s.n.], 2002. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2 vols.

¹⁹ VASCONCELOS, Joaquim de – *O Museu Municipal do Porto. O seu estado presente e o seu futuro. Relatório apresentado ao Exmo. Snr Luiz Ignacio Woodhouse, presidente da Comissão encarregada de estudar a reorganização do Museu pela sub-Comissão, encarregada das Secções Bellas-Artes, Archeologia e Mumismática*, Porto 1889, pp. 11-12.

²⁰ IDEM, *ibidem*, pp. 27-28.

²¹ VASCONCELOS, Joaquim, de *Catálogo da Cerâmica Portuguesa*. Museu Municipal do Porto 1909, pp. XII, XIII.

A análise dos títulos de muitos trabalhos de Joaquim de Vasconcelos revelam desde logo o predomínio desta atitude em dar a conhecer os vestígios do passado, encarando a História de Arte como um campo de estudo definido e transparecendo questões como o rigor, os princípios e os métodos.

O seu trabalho assentava como sabemos, na descoberta de fontes históricas, na leitura de documentos escritos, no contacto com os objectos artísticos visando a reconstituição²², tanto quanto possível objectiva de uma determinada realidade histórica nacional, que propunha defender e dar a conhecer.

Dedicou-se então com entusiasmo e paixão ao ensino da História da Arte nacional, particularizando uma identidade e uma raiz da arte popular portuguesa que como afirmava: “*Representa ella um elemento esthetico e educativo, inapreciável...*”²³

Mas é especificamente no seu trabalho publicado em 1912 “*Teoremas para o Estudo da história da arte na península e especialmente em Portugal*” que o autor reúne e sintetiza um conjunto de documentação: programas, conferências e cursos, sobre o ensino da História de Arte e das Artes Decorativas em Portugal, incluindo a organização de excursões escolares que considerava um “*elemento pedagógico de capital importância*”²⁴ e as conferências sobre *História de Arte Peninsular*, realizadas pela primeira vez num Liceu em Portugal, abordando as mais variadas temáticas²⁵.

Cabe ainda salientar que desenha e propõe à Academia Portuense de Belas Artes do Porto um *Curso de História da Arte* que se desdobrava em vários níveis e anos: elementar, complementar e curso especial com-

²² Afirmava: “...A base de qualquer estudo histórico é a exploração de arquivos... Emquanto não for feita uma reforma radical na Torre do Tombo; enquanto não houver como em Hespanha, um corpo de Archivistas e paleógrafos, bem organizado e rasoavelmente pago, nem os estudos de arte, nem qualquer outro ramo dose estudos históricos poderá desenvolver-se plenamente, entre nós. Não obstante, aqui mesmo provaremos que sempre é possível, com algum trabalho, preencher algumas lacunas na descurada história da cerâmica portuguesa...” Cf. VASCONCELOS, Joaquim de – *Cerâmica Portuguesa. Série II. Estudos e documentos inéditos*, Porto, 1884, pág. 26.

²³ VASCONCELOS, Joaquim – *Elencho de Quatro Conferências sobre História da Arte Nacional*. Ano lectivo de 1907-1908, Porto, 1908, pág. 8.

²⁴ IDEM, *Ibidem*, pág. 40.

²⁵ É vasta a lista de assuntos tratados nas conferências entre 1878 e 1912: História das Artes Industriais; Tesouros da Exposição de arte ornamental hispano-portuguesa; Custódia de Belém; originalidade do chamado estilo manuelino; arquitectura manuelina, cerâmica nacional; Coimbra e os seus Monumentos Históricos; a criação de um Museu histórico das Artes decorativas em Aveiro, etc. Cf. VASCONCELOS, Joaquim – dos *Teoremas...* Op. Cit., pp. 28-29.

parado, assim como a sua divisão por temas ou assuntos: Arquitectura, Escultura e Pintura. Individualiza um *Curso da História das Artes Decorativas*, e como pedido único lembra à Academia a aquisição de um “*aparrelho rasoavel para projecções luminosas*” ou “*contratar-se o fornecimento de clichés, sobre assumptos portugueses (publicação A Arte e a Natureza em Portugal)*”²⁶.

Por fim, revelava assim uma conscienciosa forma de trabalhar como professor em permanente actualização. É particularmente nas virtualidades destas suas propostas que o trabalho de Joaquim de Vasconcelos é extremamente inovador: estudar a arte segundo outros pontos de vista, torná-los outros motivos de interesse e fundamentalmente dá-los a conhecer.

Em suma, procurámos sublinhar e realçar o trabalho de Joaquim de Vasconcelos, reconhecendo-o plenamente como uma das figuras principais que mais enfatizou a importância do processo de identidade e nacionalização das artes decorativas portuguesas.

É, por isso, justo recapitulá-lo no âmbito desta publicação.

3. Cronologia das publicações²⁷

1873

- *Ensaio crítico sobre o catálogo de El Rey D. João IV*, Porto: Imprensa Portuguesa.
- *Archeologia artística*, Porto: Imprensa Portuguesa.

1875

- *Prólogo-Prospecto da Archeologia Artística*, Porto: Imprensa Portuguesa.

1881

- “*A primeira Exposição do Centro Artístico Portuense*”. In *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, Porto, ano 1, vol. I.

²⁶ IDEM, *Ibidem*, pág. 14.

²⁷ Esta bibliografia – centrada apenas e exclusivamente sobre as Artes Decorativas – não pretende ser exaustiva e compreende os principais trabalhos realizados e estudos escritos por Joaquim de Vasconcelos.

1882

- “*Conferências sobre a Exposição da Arte Ornamental*”, *A Arte Portuguesa*, Porto, ano I, n.º 8 e 9, Agosto e Setembro de 1882, pp. 70-71 e 77-79. -

1883

- *História da arte em Portugal*, Porto: Tip. Elzeviriana.
- *Exposição districtal de Aveiro em 1882: relíquias da arte nacional*. Aveiro. Grémio Moderno.
- *Exposição de Cerâmica. Sociedade de Instrução do Porto, documentos coordenados com uma série de marcas inéditas por Joaquim de Vasconcellos*. Porto: S.I.
- “*Relatório para a Exposição de Fiação e Tecidos Nacionais*” in *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, Ano 3, vol. III, Porto.

1884

- *Cerâmica Portuguesa: série III. Estudos e Documentos Inéditos*. Porto: Typographia Elzeviriana

1885

- *História da arte em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

1889

- *Museu Municipal do Porto o seu estado presente e o seu futuro relatório apresentado ao III.mo e Exc.mo Senr Luiz Ignacio Woodhouse presidente da comissão encarregada de estudar a reorganização do Museu, pela Sub-Comissão, encarregada das Secções de Bellas-Artes, Archeologia e Numismática*, Porto: [s.n.]
- *O Museu Municipal do Porto – O seu Estado Presente e o Seu Futuro*, Typ. de A.J. da Silva Teixeira.

188[-]

- *A ourivesaria portuguesa sécs. XIV-XVI: ensaio histórico*. [S.l.: s.n.].

1890

- *Catálogo da Exposição de Desenhos e Obras de Arte dos Professores das Escolas Industriais de Circunscrição do Norte*, Typ. Occidental, Porto.

1891

- *A Fábrica de faianças das Caldas da Rainha*: Typ. Occidental, Porto.

1898

- *Catalogue des livres rares composant la bibliothèque musicale d'un amateur*. s.n.: Typ. A Vapor de Arthur José de Sousa, Porto.

1900

- *Principaes obras: estudo, dissertações, etc.* Typographia A. F. Vasconcellos, Porto.

1901

- *A Indústria Nacional dos Tecidos*. Imprensa Nacional, Lisboa.

1902

- *Guia do Museu Municipal do Porto. Archeologia. Numismática. Ethnografia. Pintura. Escultura. Artes Decorativas. Materiaes para a História do Museu*. Porto: s.n.

1904

- *Toreutica: Elementos para a história da ourivesaria e artes dos metais em geral*. Typ. A.J. da Silva Teixeira. Porto.

1905

- *Bibliografia da Arte Portuguesa. Catálogo de alguns duplicados raros*, Porto.

1907

- *Indústria de Cerâmica, Lisboa: 2ed: Liv. Aillaud e Bertrand*.
- *A Cerâmica Portuguesa*. Lisboa: [s.n.].

1908

- *Elencho de quadro conferências sobre história da arte nacional*. Porto: Typographia Universal.

1909

- *Catálogo da Cerâmica Portuguesa*. Porto: Museu Municipal.

1913

– *Theoremas para o estudo da História da Arte na península e especialmente em Portugal*. Porto: Arcádia.

1915

– *Archeologia e História de Arte Peninsular. Subsídios Bibliographicos*, Porto.

1914

– *Arte religiosa em Portugal* ; Volume I / Joaquim de Vasconcelos. - Porto : Emílio Biel & C^a Editores.

193[-]

– *Dispersos de Joaquim de Vasconcelos*. [S.l.: s.n.].

1924

– *A Fábrica da Vista Alegre: apêndice ao livro do seu centenário* [Joaquim de Vasconcelos ...e al.]. Lisboa, S.l, Biblioteca Nacional.

1973

– *Cartas de Joaquim de Vasconcelos*. Porto: Edição Marques de Abreu.

1983

– *Indústrias Portuguesas*, org. de Maria Teresa Pereira Viana, Lisboa.

[s.d]

– *Estudos de ourivesaria e da joalheria portuguesas*, [S.l.: s.n.].

– *Indústrias portuguesas: resumo histórico: escripto em 1886-87*. [S.l.: s.n.].

Documentos

